

O FUTEBOL FEMININO SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS DE GÊNERO: COMPREENDENDO AS INTERFACES SOCIAIS

Fabiana Pavão Lopez¹

Ms. Bruno do Prado Alexandre²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo problematizar a respeito do futebol feminino em interface com as relações de gênero, no intento de estabelecer considerações sobre mulheres e o mundo futebolístico, desvelando as faces dos preconceitos pelas questões de gênero, da falta de incentivo, da visibilidade desigual da mídia e das diferenças salariais entre homens e mulheres que praticam o mesmo esporte. Ainda nesse trabalho, será apresentado de maneira parcial as lutas enfrentadas por mulheres no que tange a conquista de espaço no futebol e a sua permanência. Metodologicamente esta pesquisa se pauta em trabalho de campo e em bibliografia especializada, estabelecendo diálogos com quatro mulheres que em algum momento da vida praticou o esporte, no sentido de que possam nos apresentar à luz dos teóricos e teóricos os desafios vividos e que acabam por marcar a vida desportista de alguém em seus múltiplos aspectos. Espera-se que este trabalho possa contribuir com reflexões sobre a importância da inserção das mulheres em outros espaços que não o universo doméstico, ou atividades relacionadas ao cuidado, mas que elas possam ocupar o espaço que desejarem tendo a sua dignidade respeitada e que consiga ocupar de maneira significativa, espaços de protagonismo.

Palavras-chave: Futebol feminino. Preconceito. Esporte. Gênero.

¹ Graduanda do curso de Educação Física, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço- EDUVALE/ Jaciara - MT.

² Licenciado em História e Mestre em Educação pela UFMT/CUR e professor da Faculdade EDUVALE/Jaciara – MT.

ABSTRACT

This article aims to discuss about women's football in interface with gender relations, in order to establish considerations about women and the football world, unveiling the faces of gender bias, lack of incentive, unequal visibility. media and pay differences between men and women who play the same sport. Also in this paper, the struggles faced by women regarding the conquest of space in football and its permanence will be presented in a partial way. Methodologically this research is based on field work and specialized literature, establishing dialogues with four women who at some point in their life practiced the sport, so that they can present us with the light of theorists and the challenges they face and that end up marking someone's sports life in its many aspects. It is hoped that this work may contribute to reflections on the importance of inserting women in spaces other than the domestic universe, or activities related to care, but that they may occupy the spaces they wish having their dignity respected and able to occupy. significantly, spaces of protagonism.

Keywords: Women's soccer. Preconception. Sport. Genre.

Introdução

O presente artigo propõe compreender as dinâmicas que envolvem o gênero e o esporte. A inserção das mulheres no ramo desportivo está atravessada por inúmeros obstáculos que tentam a todo tempo fazer com que ela desista, e é sobre esses atravessamentos pautados numa perspectiva de gênero que essa investigação será desenvolvida. A escolha da temática veio por via da vivência pessoal enquanto estudante de ensino médio, marcada por vários desafios durante a tentativa desportista, e em pelo propósito de lutar pela igualdade de apoio e visibilidade de mídia, tomando como exemplo o apoio experimentado pelos meninos em interface com o futebol. Transpondo essa discussão para uma experiência pessoal, cabe destacar que a falta de interesse social e empresarial pelo futebol feminino me fez perder a oportunidade de participar de competições importantes e de crescer nesse esporte em específico. Tais experiências de frustração serviram de impulso para o desenvolvimento potente a que essa reflexão se propõe, no sentido de proporcionar, de maneira crítica e teoricamente fundamentada uma defesa de direitos, oportunidades, visibilidades e patrocínios equânimes, sem que o gênero se prefigure em fator de preferência e de mais valia.

A questão epistemológica que impulsiona essa investigação se centra no propósito de pensar de maneira crítica e problematizadora em como o gênero, aqui

compreendido enquanto marcador social e categoria analítica, em diálogo com a cultura ocidental, opera na produção de espaços e atividades masculinas e femininas e como isso reflete diretamente na prática do futebol enquanto atividade esportiva de maior alcance na sociedade brasileira.

No intento de compreender os meandros que perpassam essas questões todas, optou-se metodologicamente por se valer de entrevistas com atletas ou mulheres que tiveram experiências enquanto atletas, com vistas à tentar produzir reflexões que dialoguem com um arcabouço de teóricas e teóricos que pensam gênero e esporte. Nestes termos, Goellner (2005), Kunz (2005), Joan Scott (1989), entre outros, foram conclamados a contribuir com suas perspectivas e estudos nessa desafiadora empreitada. Ao término do trabalho, serão apresentadas algumas considerações que sinalizam, mesmo de maneira tímida, para a conquista de determinados espaços e o rompimento parcial de determinadas fronteiras rígidas de gênero que demarcam espaço e hierarquizam lugares sociais historicamente produzidos.

2 Futebol feminino disputas por espaços e visibilidades igualitárias

A sociedade brasileira é fortemente marcada por desigualdades sociais, econômicas, políticas, étnico raciais, de gênero, entre tantas outras. Sobre esse último marcador social, podemos notar os desafios que são diariamente vivenciados pelas mulheres, uma dessas diversas dimensões é a questão da visibilidade social, que em qualquer setor na vida, seja em casa, trabalho e qualquer outro ambiente as relegam a um lugar secundário. Pesam sobre elas os rótulos de “frágeis” e “sensíveis”, que exigem historicamente delas o recato e a privação do lar seguida de submissão e de uma maternidade compulsória, frutos legítimos de uma herança patriarcal que marca a cultura ocidental. Contudo, reflexões produzidas por estudiosas de gênero sinalizam que o próprio conceito “mulher” e as construções sociais que o permeiam ao longo do tempo e das sociedades, se tratam de questões sociais, históricas, políticas e culturais. Sobre isso Joan Scott destaca que

O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior [...] é uma maneira de indicar as ‘construções sociais’: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres [...] oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens [...] coloca a ênfase sobre todo o sistema de relações que pode incluir o

sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade (SCOTT, 1995, p.86).

Nas reflexões da autora, o gênero é entendido como uma diferença criada socialmente, culturalmente e em meio às relações de poder. As binaridades sociais que historicamente divisam homens e mulheres respectivamente, entre masculino/feminino, forte/fraco, dominante/dominado estruturam, entre outras instancias a sociedade heteropatriarcal que vivenciamos. Transpondo essas questões para o campo dos esportes e dos estudos sobre o esporte, os homens estão mais presentes que as mulheres, contudo, isso não significa dizer que as mulheres não fazem parte desse universo, o que se coloca nessa questão é a ausência de visibilidade.

Podem-se encontrar diversos estudos que relacionam mulheres e esportes, no entanto, na grande maioria dessas pesquisas, as mulheres ocupam um lugar secundário na prática esportiva, pois são analisadas enquanto torcedoras, mães, irmãs, articulistas e até mesmo prostitutas, enquanto os homens ocupam o espaço de praticante esportivo (SILVEIRA, 2008).

Estudos sinalizam que no século XIX, o papel das mulheres na sociedade era o de cuidar de suas casas, ficando assim longe de frequentar uma quadra esportiva, nesse ambiente o papel feminino era e em grande medida ainda permanece em pleno século XXI no coroamento dos homens vitoriosos por seus jogos. Nesse contexto, as mulheres não tinham o direito de ter um espaço no futebol, que não daquele que por sua beleza, é a que entrega o prêmio aos vitoriosos. A objetificação sexual nesse campo é intensa, vide as performances que elas adotam na torcida e nas roupas que compõe seu look nesses espaços.

A tensão presente entre diferentes concepções acerca das relações entre mulheres e atividade física fez com que houvesse, por parte de alguns setores da sociedade brasileira, um movimento de cerceamento à participação das mulheres em determinadas modalidades esportivas. Fruto desse movimento, em 1941, o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, subsídios para a elaboração de um documento que oficializou a interdição das mulheres a algumas modalidades, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo; outras foram permitidas dentro de determinados limites. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação no. 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitido a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, “rugby”, halterofilismo e “baseball”. (GOELLNER, 2005, p.145).

A participação de mulheres no esporte sempre foi marcada por dificuldades, quando pensadas no contexto brasileiro, em especial. Nos Estados Unidos e na China as

mulheres têm mais visibilidade que o homem no futebol e tem um grande apoio de patrocínios, enquanto no Brasil o futebol feminino nem tinha sido aceito ainda no século XX. De acordo com Franzini (2005), ao citar Bourdieu as mulheres que se interessam pelo futebol, lutam constantemente contra os estereótipos, e recorrentemente está marcada por estereótipos, a exemplo da “Maria chuteira”, entendida como a torcedora que assiste futebol ou “Maria João”, “macha fêmea”, entre outros, para aquelas que ousam praticar futebol. Nessa direção, a autora segue afirmando que o que se seguiu, foi um grande movimento que objetivou a excluir a mulher desse esporte e evitar sua popularização, como se pode ver no excerto abaixo.

Todas as reações a esse movimento do futebol feminino foram no sentido de colocá-las ‘no seu devido lugar’, banindo-as de dentro das quatro linhas, espaço próprio ao homem. Para elas, futebol só da arquibancada, e ainda assim em lugares reservados, como se fossem guetos na torcida. Neste caso, suas presenças nos estádios não só era saudada como estimulada pela imprensa. A relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que nesta, seu papel não era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens ‘construírem a nação’. (FRANZINI, 2005, p.25)

Por outro lado, as mulheres foram tratadas como musas do futebol, onde deveriam atuar como modelos apenas, porque eram as duas coisas que brasileiros gostavam, as mulheres bonitas e o futebol, num intrínseco processo de objetificação sexual, vistas como diversão, numa combinação perfeita que unia mulheres e futebol. Em se tratando das diferenças de gênero no futebol, Priscilla Gomes Dornelles e Vicente Molina Neto (2001), destacam que as modalidades padronizadas e estereotipadas como masculina trazem grande discriminação e preconceito ainda no século XXI, como dizem eles, continuam a impregnar o ambiente esportivo quanto à ação de mulheres, seja em clubes, em espaços populares ou até mesmo na escola.

Nessa seara, é verídico que instituições escolares ainda produzem e reproduzem preconceitos e discriminações em relação à prática do futebol e tantas outras. No início do século XIX a participação feminina em atividades esportivas começa de forma tímida, como nas olimpíadas de 1900, contudo apenas no sentido de esbanjar a sua beleza e em momento algum ter contato físico, de maneira figurativa, sempre como objeto e nunca como protagonista, atleta.

“Ao ingressarem no mundo do futebol, exige-se que os homens e as mulheres sejam, cada vez mais, homens mais produtivos e agressivos-e, para tanto ironicamente, as mulheres necessitam provar que mantém sua feminilidade. Apesar dessas considerações o futebol feminino amador cresce ao longo do território brasileiro, de maneira informal, e

é grande a falta de apoio financeiro de instituições patrocinadoras e grandes equipes. Além desta ausência de apoio, a desorganização dos torneios e campeonatos é uma realidade muito comum no esporte.” (SOUZA, 1996, p.96).

Com o passar do tempo foi diminuindo esta situação, no entanto, os argumentos não cessam de surgir no intento de impedir a participação feminina na atividade física e no esporte, entre os quais o mito da perda de feminilidade e adoção de um corpo masculinizado, preconceitos que limitaram a participação da mulher no cenário esportivo. Essas questões quando pensadas na escola, também assumem campos delicados que prefiguram barreiras ainda a serem rompidas. Um exemplo disso é quando meninas optam por jogar futsal ou futebol, geralmente são orientadas a jogarem junto com os meninos, situação problemática numa sociedade machista e sexista que acaba por produzir comentários perversos que tentam a todo instante baliza-las sobre o prisma da desqualificação, associando-as à homossexualidade, outra importante questão a ser debatida na escola, espaço privilegiado de produção e reprodução da homofobia.

No Brasil, lugar reconhecido por ser o país do futebol, o desenvolvimento do futebol feminino obedece a uma sequência de expansão, lógica fundamentada por um sistema de proibições e permissões instaurado desde o século XIX. De maneira geral, o futebol feminino parece ser tolerado pela sociedade brasileira, mas ainda não ganhou espaços de visibilidade equivalentes ao futebol masculino, ou mesmo ao futebol feminino em outros países, a exemplo das diferenças salariais a partir do gênero.

A pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro decorre da aproximação entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação da feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. (GOELLNER, 2005, p. 149)

A educação física nesse cenário caótico torna-se potente instrumento no que tange amenizar as desigualdades de gênero, pois pode trabalhar de forma mista em suas aulas, minimizando as desigualdades entre os sexos e o preconceito, os professores podem propor aulas que tragam experiências de prática corporal e ambos os sexos, desafiando os alunos a vivenciarem formas diferentes dessa prática, fazendo com que compreendam o sexo feminino e masculino e aceitem que meninos e meninas pratiquem o esporte que preferirem sem correr o risco de sofrer estereótipos. (FREIRE, 1992)

O ensino do futsal na escola é um elemento importante na medida em que se coloca como meio de promoção da saúde e de educação das crianças. Segundo eles, o esporte tem sido incorporado na escola como forma de proporcionar um bom

aprendizado, favorecendo no desenvolvimento dos aspectos físicos, psicológicos e sociais.

A escola assume um papel importante no que diz respeito à aquisição do hábito da prática esportiva pelos jovens. As escolas que realmente investem em educação reconhecem na educação física escolar um meio rápido de interação da criança com o meio em que vive, oferecendo momentos de convívio social. [...] (VOSER & GIUSTI, 2002. p.15).

O ensino do futebol na escola é de extrema importância, pois além dos estudantes aprenderem que todo mundo pode jogar, é uma matéria que possibilita a promoção da saúde e da educação para as crianças, viabiliza o bom aprendizado e favorece no desenvolvimento dos aspectos físicos, psicológicos e sociais de todos aqueles e aquelas que participam dessas atividades. A escola tem a capacidade de possibilitar vivências e novas experiências ao seu público alvo, uma vez que os e as estudantes passam à maior parte do tempo de suas vidas em unidades educacionais. É nesse espaço, portanto, que eles e elas têm a oportunidade de descobrirem quem eles são na escola, aprendem a tomar suas primeiras atitudes e decisões no período escolar, e no quesito de cultura e educação os docentes tem a aptidão de trabalhar com atividades que despertem o interesse dos alunos, ajudando cada um individualmente e coletivamente.

Os professores de educação física podem trazer esse conhecimento para os alunos, para que no futuro eles não sejam mais um a cometer o preconceito, planejar aulas que entre outras dimensões prezem pelo respeito às diferenças e promova uma educação para a cidadania.

Ainda sobre essa questão, Kunz (2004) destaca a importância que o docente assume ante o processo de inclusão, no sentido de promover aulas que possibilitem a participação de todas e todos e que ainda consiga identificar potencialidades entre eles e elas. O autor segue fazendo um alerta, ao destacar que o Brasil deve se voltar também e em especial para as mulheres, não só no futebol, mas em qualquer carreira que se considera masculina, ainda mais por ser o país nacional do futebol.

O fato de o país ter esse título, não produz efeitos significativos no que tange o reconhecimento significativo do futebol feminino, desse modo, os campeonatos femininos não assumem a mesma visibilidade que o dos homens, não é promovido copas durante o ano, a exemplo das que são realizadas para o futebol masculino, enfim, está intensamente marcado por desigualdades e invisibilidades que carecem de urgente superação.

Em linhas gerais, importa destacar que as mulheres que fazem o futebol brasileiro acontecem trazem no peito não só um número da camisa, mas o amor e a resistência pelo que se faz e se reivindica, demonstrando o quanto querem estar ali e o quanto estão dispostas a lutar por elas e pela sua carreira. As mulheres que jogam futebol não lutam só pelo espaço delas, lutam por todas as mulheres do Brasil, desde aquela que reivindica um lugar no futebol até aquela que está sendo inferiorizada pelo seu gênero no mercado de trabalho e em outras instancias da vida.

3 Metodologia

Focando na diferença entre os gêneros na prática do futebol brasileiro e a dificuldade que as mulheres vêm enfrentando nas últimas décadas, nota-se que as diferenças entre os gêneros são visivelmente absurdas, constantemente enfrentam preconceitos e lutam para que o processo de inferiorização termine ou ao menos seja parcialmente amenizado. As escolas que tem a educação física implantada têm o dever de ajudar a combater o preconceito existente entre meninos e meninas. Torna-se necessário que o professor possibilite diálogos e reflexões sobre temáticas que se colocam evidentes na escola, sobretudo as relacionadas à gênero que se apresentam em forma de preconceitos e discriminações, muitas vezes em tons de brincadeira.

Essa pesquisa foi conduzida metodologicamente a partir de pesquisa bibliográfica e se baseou nos estudos que estabelecem diálogos entre gênero, sexualidade, educação, cultura e futebol, bem como no trabalho de campo, por meio da realização de entrevistas. Segundo Lakatos (1992):

“A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica” (1992, p.44)

Ao longo do trabalho alguns autores e autoras apresentaram ponderações problematizadoras que relacionam de maneira sistemática o futebol feminino e a temática da masculinização. Ainda nesse campo, diferentes autores fazem defesas interessantes no que tange a aceitação de mulheres em meios socialmente significados enquanto masculinos, apresentando narrativas de mulheres que defendem os espaços conquistados ou em processo e que se consideram verdadeiras guerreiras, valorizam seu tempo em campo e lutam até o último segundo com a bola no pé, e que independente da vitória ou não, mantêm-se de pé desconstruindo dessa maneira a perspectiva que as

enclausuram enquanto “frágeis”. Um exemplo dessas considerações pode ser a atacante brasileira Marta Vieira da Silva que luta constantemente pelas mulheres do Brasil e pelo futebol feminino, e que na sua copa de 2019 na França, ao dar sua entrevista sobre o pênalti que as levaram para as oitavas de final, disse o seguinte:

“Quebrar recordes é algo que acontece naturalmente quando você se dedica, faz o trabalho com amor. Eu dedico isso as mulheres. A gente representa todas elas e faz nosso melhor sempre.” (SILVA, Marta Vieira da. *Marta se torna a maior artilheira em copas do mundo*. [Entrevista concedida a] Amanda Kestelman. França, junho, 2019.)

Ao término desta pesquisa espera-se produzir reflexões que possam contribuir no processo de valorização das mulheres rumo à igualdade de gênero, apresentando aos leitores, acadêmicos de diversas áreas e professores e professoras de educação física, com base em teóricos e teóricas especialistas nessas questões que as mulheres não estão no mundo para serem inferiorizadas e tratadas como minoria, do ponto de vista da invisibilidade social e da ocupação de espaços privilegiados de poder e que apesar dos desafios, têm o direito e a capacidade de ocuparem os espaços que quiserem, sem sofrerem estereotipações, preconceitos e violências. Além disso, almeja-se contribuir no enfrentamento às atitudes que desrespeitosas ante as homossexualidades, tão presente nos campos de futebol, fomentando o respeito às diferenças e à pluralidade cultural.

4 Em que campo elas jogam?

As participantes dessa pesquisa assumem extrema importância para o processo de desenvolvimento, reflexão produção de considerações acerca dos objetivos apresentados e desdobrados ao longo da escrita e das problematizações. São pessoas especiais que com narrativas contribuíram com esse estudo. Cada uma delas, ao longo da vida tiveram experiências significativas, marcadas por bons e maus momentos. Enquanto pesquisadoras ao fazer as indagações perceberam o quanto a temática do futebol feminino representa algo prazeroso para elas enquanto atletas e que em dado momento da às ajudaram em algum momento da vida, seja para minimizar a tristeza, fugir de problemas ou até mesmo tentar seguir um sonho. Convivendo com as atletas mais profundamente, compreendias dimensões excludentes que atravessam o futebol feminino bem como o desejo de enaltecer a mulher no futebol que elas trazem a um só tempo, nesse sentido, a cada questão, deixa evidente o quanto a mulher está escondida

atrás de um campo de futebol, onde nem as mídias às alcançam e nem as enxergam enquanto sujeitos para além da objetificação sexual.

5 Em que campo elas jogam?: Dando vida a uma atleta

5.1 Jessica Vasconcelos Oliveira

Natural de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Jessica é uma menina de 17 anos que já sofreu grande perda familiar ainda quando criança que abalou todo o seu psicológico dificultando seu convívio com a sociedade. Atualmente, convive com seus avós. Conheceu o futebol bem cedo, mais especificadamente aos seis anos de idade via televisão, atualmente é torcedora do Corinthians. Já sofreu preconceito por acusações de ordem homofóbica, pelo fato gostar de jogar futebol, onde muitas vezes deixou de participar das aulas de educação física, pois preferia jogar futebol com os meninos e não participar de brincadeiras com as meninas. Nessa direção, sua família também não tinha uma boa visão sobre a paixão da garota pelo futsal, julgavam que o esporte era coisa de menino e isso provocou certo desgaste em sua vontade de jogar, um dia sentiu vontade de jogar profissionalmente, porém, não se ilude com falsas esperanças sabendo da sua realidade, marcada pela falta de apoio no que tange incentivos ao esporte. Atualmente, não consegue acompanhar os treinos, pois a falta de transporte causa um grande dano, uma vez que a cidade de convívio, Jaciara-MT onde não possui uma quadra poliesportiva acessível onde possa treinar.

5.2 Geovana Gabriela Silva Santos

A atleta de 17 anos, natural de Jaciara, Mato Grosso é filha única de uma família católica. Estudante do primeiro ano do ensino médio, Geovana conheceu o futebol por meio dos pais, recebendo um grande apoio dentro de casa. A estudante relata que quando joga futebol, se sente bem consigo mesmo, que vivencia momentos incríveis e que apesar de tão jovem e com o apoio dos pais tem dificuldades em praticar o esporte hoje em dia por ter problemas no joelho, o que a traz um pouco de tristeza, pois queria um dia jogar profissionalmente, a exemplo de Marta e Formiga jogadoras da seleção brasileira que a inspiram.

5.3 Nathalia Gomes de Souza

Natural de Rondonópolis, Mato grosso, Nathalia é uma ex-atleta de 21 anos que conheceu o futebol através das aulas de educação física quando tinha apenas 12 anos de idade. A garota afirma receber o apoio dos pais dentro de casa e relata nunca ter sofrido preconceito, afirmando ter sido sempre apoiada em suas decisões. Apesar de não ter problema com preconceito ou sofrer com problemas de saúde, a estudante de licenciatura em educação física não pode treinar, por questões de tempo, uma vez que possui uma rotina extremamente repleta de responsabilidades, isto é, trabalha em horário comercial e estuda durante a noite. Relata que quando joga futsal ela acaba com o estresse e a deixa melhor, como se tirasse um peso das costas.

5.4 Laura Beatriz Gomes Botelho

Natural de Jaciara-MT, Laura é a irmã mais velha de uma família de religião católica, conheceu o futsal quando tinha apenas 11 anos de idade através das aulas de educação física. Apesar de seus pais não opinarem de forma negativa na sua carreira desportista, a atleta destaca que era dona de suas decisões e que usa o futsal como mecanismo de esquecimento dos problemas e como forma de diversão. Laura afirma que não consegue acompanhar treinos em sua cidade, pois trabalha com crianças de uma escolinha de futsal durante o dia cursa licenciatura em educação física durante a noite, se engajando desde cedo em um futuro próximo como treinadora. Relata que nunca pode sair de sua cidade para competir coisas maiores por viver em uma cidade pequena incapaz de patrocinar transporte ou até mesmo um time para que possa ir representar seu município. De acordo com Laura, a falta de investimento maior no futebol feminino, não apenas a nível municipal, mas como um todo, é um dos fatores que produzem a falta de interesse em treinar um time feminino, pois é uma área que carece de apoio de gestões para que tenham uma visibilidade maior.

6 As narrativas como fontes de investigação: conhecendo alguns cenários

As experiências das entrevistadas se tornam diferentes por ter convívios diferentes ao longo da carreira desportista, podemos notar que as realidades são diferentes, mas leva todas ao mesmo ponto, a falta de visibilidade da mulher no futebol. Ao entrevistar as atletas, como pesquisadoras perceberam o quanto elas queriam que o futebol tivesse um incentivo maior, não apenas incentivos materiais, mas aquele que falta em todo o lugar e não só no futebol, se tratam de questões voltadas aos lugares sociais ocupados pelas mulheres na sociedade brasileira. Como pesquisadora, as questões que tomam a mulher pelo viés das desigualdades sociais a partir de um recorte

de gênero são refletidas em parte das narrativas trazidas pelas participantes da pesquisa. Nesse sentido, aparecem afirmações em comum como: “a sociedade que deve mudar”, ou seja, sinalizam que o problema não está e nunca esteve nas mulheres que gostam de jogar futebol, mas nos olhares direcionados pela sociedade as cerca como citou uma das entrevistadas:

Laura Beatriz: “Falta um olhar sem preconceito para enxergar que o futebol também pode ser praticado pelas mulheres, ter mais apoio de patrocinadores e até mesmo mostrar mais jogos na televisão, falta dar o valor que a mulher realmente merece.”

Ante o exposto, é possível perceber o quanto as pessoas em volta também têm culpa pela invisibilidade e pelos julgamentos pejorativos em torno do futebol feminino e de quem dele participa, julgando essas pessoas e contribuindo no processo de exclusão estigmatização e preconceito. Como pesquisadora e ex-atleta da modalidade, observei experiências marcadas por preconceitos, envolvendo colegas com quem honrei o meu município em disputas pretéritas. Os preconceitos que as mulheres sofrem não são direcionados a todas as garotas, ao passo que aquela menina mais “arrumadinha” ou aquela que joga melhor, não sofre o preconceito de ordem racial, mas as atletas negras ou que apresentem comportamentos considerados ligados à homossexualidade se tornam alvos de chacotas por parte de quem está assistindo pela arquibancada.

Para ter o conhecimento acerca dos preconceitos relacionados às homossexualidades, basta passar um dia inteiro em um ginásio apenas com mulheres jogando, que logo aparecem insultos, como “macho-femea”, geralmente proferido por parte de quem está assistindo. Essas questões todas produzem efeitos distintos em cada pessoa, algumas aceitam o que a sociedade impôs sobre o futebol, pensando-o apenas como coisa de homem e se retiram desse universo, outras, porém, mergulham de cabeça contra o preconceito. Após as entrevistas e a análise das narrativas, pude compreender que as meninas que praticam o futebol, sentem o peso de ser mulher em meio a um esporte extremamente masculinizado, marcado não apenas pelos preconceitos de gênero, mas de classe e de ordem étnico racial.

6 Algumas Considerações

O intuito deste estudo foi buscar resposta para muitas questões esquecidas ou silenciadas que permeiam a prática do futebol feminino, assunto ainda pouco pesquisado e de extrema importância para as mulheres praticantes. Em pleno século XXI ainda não se conseguiu quebrar o preconceito, pois ainda abrange grande parte do mundo. Apesar das leis que protegem a mulher de violências, não se pode confiar onde

eles não estão ao alcance dos olhos. Mulheres que jogam futebol acaba sofrendo calada o preconceito que sofre, ela acaba influenciando a tornar homossexual ou desiste da carreira desportista caso se sinta pressionada.

A presente pesquisa ressalta a importância da educação física para o futebol feminino, uma vez que, em muitos casos, representa o primeiro contato de alguém no mundo dos esportes e nesse sentido, é de extrema importância que os professores sejam preparados para atender as demandas trazidas pelos alunos e ser capaz de ensinar a cada um, sobretudo no que tange o combate aos mecanismos de exclusão social fomentado por qualquer ordem. Ao término desse trabalho fica evidente o quanto as mulheres se aproximam e a um só tempo se distanciam de suas conquistas e visibilidades ocupando lugares de protagonismo e poder e ao mesmo tempo resistindo ao machismo e ao heteropatriarcado, elemento que transforma diferenças biológicas em desigualdades estruturantes das sociedades ocidentais.

REFERÊNCIAS

- SALVINI, Leila. *FUTEBOL é para mulher!* Revista Placar, São Paulo, 1º Fev. 1980.
- _____. *FUTEBOL feminino: As incríveis meninas do Radar.* Revista Placar, São Paulo, 1º Fev. 1985.
- FRANZINI, Fabio. *Futebol é coisa para macho?*. Rev. Bras. Hist. São Paulo. 2005
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.* Rio Grande do Sul. 2005
- GOMES, Priscila Dornelles. MOLINA, Vicente Neto. *O ensino do futebol na escola.* Porto Alegre-RS. 2001.
- HAAS, Leandro Baptista. *O ensino do futsal na escola.* Editora UNIJUI, Ijuí-RS. 2013
- KUNZ, Elenor. *Didáticas da educação física 3: Futebol.* 2005
- SILVA, Marta Vieira da. *Marta se torna a maior artilheira em copas do mundo.* [Entrevista concedida a] Amanda Kestelman. França, junho, 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/emocionada-marta-lamenta-eliminacao-e-da-recado-a-novas-jogadoras-o-futebol-feminino-depender-de-voces.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- LAKATOS, Maria Eva. *Metodologia do trabalho científico.* Revista e Ampliada. Atlas, 1992.
- MALAGODI, Lúcia Sampaio. *Futebol feminino e a educação física escolar.* UNICAMP. Campinas, 1999
- MAZOTTE, Natalia. *Mulheres recebem menos na maioria dos esportes.* Revista Gênero e número. Recife, 2016.
- MENDONÇA, Renata. NINA, Roberta. *Para mulheres, jogar futebol já foi caso de polícia durante a ditadura.* São Paulo, 2018.
- OLIVEIRA, Caroline Silva de. *Mulheres em quadra: o futsal feminino fora do armário.* Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica.* New York, Columbia University Press. 1989
- TARRISSE, Ana. *A história do futebol feminino no Brasil.* Globo esporte, São Paulo. 2019.